



“Cadê jongueiro que eu não vejo ele falar?” Memórias e Narrativas do jongo no município de Campos dos Goytacazes, RJ

Julia Dias Pereira, Lilian Sagio Cezar

Essa comunicação apresenta resultados preliminares da pesquisa antropológica em desenvolvimento, intitulada *Memória e identidade da mestra jongueira Maria Cobrinha: cultura popular e o jongo no município de Campos dos Goytacazes, RJ*, que versa sobre o jongo campista, a partir da trajetória de vida da mestra jongueira Maria Cobrinha e de jongueiros ligados a ela. Objetivo descrever e analisar as narrativas desses jongueiros, investigando formas tradicionais de transmissão de conhecimento, o jongo em Campos e o desenvolvimento de políticas culturais focadas nessa expressão cultural afro-brasileira. Como pilar metodológico utilizo a pesquisa de campo com observação participante, entrevistas abertas e semiestruturadas, associadas a produção audiovisual. O jongo, também conhecido como Caxambu, Tambu e Batuque, se desenvolveu no sudeste do Brasil, em fazendas de café, cana-de-açúcar, roçados de mandioca, banana, zonas rurais e periféricas das cidades, em processos onde os negros, em meio à diáspora imposta e do trabalho forçado, se valeram de suas memórias, utilizando de cantos codificados, metáforas, da força motriz da palavra africana e dos tambores para resistência à colonização. Ademais, é uma expressão da cultura popular tradicional afro-brasileira, reconhecido como patrimônio cultural imaterial do Brasil desde 2005 e, de Campos, desde 2011. A partir da pesquisa pude compreender que a cidade tem forte presença do jongo, que movimentava os dias, as noites e madrugadas da planície, nos bairros de Santa Rosa, Custodópolis, Caju, Ururaí, Baleeira e Goytacazes, chegando a se ter, por vezes, dois jongos ou mais em um bairro. A mestra Dona Maria Cobrinha foi uma dessas antigas jongueiras de Campos, nascida na antiga Usina de Outeiro, neta e filha de jongueiros. Em Campos, foi morar junto a jongueira e parteira Dona Maria Anita, no bairro de Santa Rosa, que fez o parto de seus filhos e também lhe ensinou ainda mais o jongo. Dona Maria Cobrinha, morreu em 2020 com 72 anos, deixou seus ensinamentos para seus filhos, netos e familiares. Entretanto, os espaços onde ocorriam o jongo passam por constante interferências de igrejas neopentecostais, a iminência da violência e da pobreza, impedindo, por vezes, a manutenção de seus territórios e espaços de sociabilidades. Assim, perscruto se mesmo diante desse contexto de interdição e silenciamento, os saberes locais associados ao jongo estão sendo mantidos e passados de geração em geração a partir do âmbito familiar e da prática do jongo no município.